



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

XIX SEPE - SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO SETOR DE  
EDUCAÇÃO / I EREBIO – REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE  
ENSINO DE BIOLOGIA – REGIONAL SUL.

### *Mulheres atletas: corporalidades e subjetividades*

Miriam Adelman<sup>1</sup>

O campo das práticas esportivas e corporais é, com certeza, um terreno extremamente fértil para testar hipóteses sobre as mudanças nas relações e representações de gênero na sociedade contemporânea, um lugar particularmente sensível para indagar sobre os rumos de uma cultura em transição – transição para padrões mais igualitários, mais “andróginos”, ou talvez, avançando, embora lentamente, no sentido de uma certa “despadronização”. O esporte, em particular, tornou-se durante mais de um século, o lugar de disputas intensas sobre o que pode/dever fazer um “corpo masculino” ou um “corpo feminino”, tanto pelo lugar central que ocupava na construção de novas formas mais “pacificadas” da construção da masculinidade (Oliveira, 2004) quanto pelo que isto poderia significar para as mulheres que, desde a segunda metade do século XIX vinham lutando contra normas de feminilidade que, como disse Maria Rita Kehl, estreitavam demais os roteiros que elas tinham à disposição para a construção de uma vida. Essa feminilidade impunha a domesticidade como “norma” – embora esta de fato tenha sido “privilégio” de raça e classe – e implicava em fortes controles sobre os corpos das mulheres – sua sexualidade, sua liberdade de movimento, e seu uso do espaço urbano no qual o esporte e as atividades físicas tornavam-se uma forma de lazer cada vez mais visível. É para esse contexto que Silvana Goellner, historiadora do esporte e da educação física, fala do mundo esportivo como um território “permeado por ambiguidades ... simultaneamente, fascinava e desassossejava homens e mulheres, tanto porque

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR. Mestre em Sociologia (M.Phil) pela New York University e Doutora em Ciências Humanas pela UFSC. Atualmente realiza pesquisa e orientação nas áreas de Sociologia da Cultura, Teoria Social Contemporânea e Estudos de Gênero.

contestava os discursos legitimadores dos limites e condutas próprias de cada sexo, como porque, por meio de seus rituais, fazia vibrar a tensão entre a liberdade e o controle das emoções, e também de representações de masculinidade e feminilidade “ (Goellner, 2004:367) Goellner, junto com o que hoje são muitas outras estudiosas da área do esporte, põe a nossa disposição a história da luta de mulheres que em muitas partes do mundo foram as pioneiras na abertura do mundo do esporte à participação feminina, que chega nos últimos tempos a um momento em que as mulheres participam de quase todas as *modalidades* esportivas. Contudo, a maior parte destas esportes ainda organizam-se pelas categorias de “sexo” (gênero)<sup>2</sup>, e o mundo esportivo continua gerando

polêmicas que têm como sub-texto, ansiedades relativas aos limites da desconstrução das fronteiras entre os sexos (gêneros).

Por outro lado, nossa atual “cultura da transição” traz algumas dificuldades particulares, de caráter teórico, para quem trabalha na área de estudos de gênero, e para quem deseja estudar o esporte como espaço de transgressão – e/ou de normatização – de identidades e corporalidades generificadas. Pois resulta cada vez mais complicado abordar temáticas sobre “identidades” e subjetividades na sua relação com o gênero, e os perigos de reproduzir as antigas dicotomias que homogeneizam as categorias de “homem” e “mulher” parecem enormes, especialmente num momento em que movimentos sociais e culturais ressaltam a presença de pessoas transgêneros, e de diversas formas de produzir “interrupções subversivas” nas cadeias de significação que a teórica *queer* Judith Butler aponta como a base discursiva da ordem de gênero fundada numa “matriz heterossexual”.<sup>3</sup> Exigem-se complexas problematizações da relação entre “biologia” e “cultura”, das diversas capacidades, destrezas e formas expressivas dos corpos e das pessoas, e sobre as múltiplas possibilidades de re-significação fornecidas pela cultura pós-moderna atual (a partir, com certeza, de persistentes lutas, conflitos, e negociações) Mas ao

---

<sup>2</sup> Aparentemente no esporte, se estaria trabalhando com essa “diferença mínima” da anatomia dos corpos, mas como aponta Judith Butler, valer-se de uma distinção sexo (biológico) /gênero (cultura e “papel social”) merece problematização, sendo que tal distinção pressupõe que teríamos acesso a algum momento prévio à cultura e a nosso próprio esforço cognitivo e linguístico de apropriação do mundo.

<sup>3</sup> A correspondência normativamente imposta, entre os termos: macho/homem/masculino/objeto de desejo=mulher; fêmea/mulher/feminino/objeto de desejo=homem.

mesmo tempo, como a filósofa feminista Susan Bordo (1994) nos adverte, estamos ainda longe de um momento “pós-gênero”, as práticas subversivas ainda não se afirmam como majoritárias, e a cultura pós-moderna, atrelada ainda aos discursos hegemônicos disseminados poderosamente nos meios de comunicação de massas, produz a cada momento novas formas de disciplinar os corpos e os sujeitos, segundo critérios dicotômicos e desiguais sobre o que pode/deve ser e fazer, uma mulher, ou um homem.

A escritora feminista Susan Brownmiller uma vez definiu *a feminilidade como estética da limitação*. Se com isso resumem-se bem os impulsos dominantes de vários séculos de cultura moderna, entende-se bem porque o esporte – prática que convoca, pelo menos nas suas modalidades competitivas, a “desafiar os limites” das competências corporais - iria tornar-se um cenário de muitos conflitos e lutas sobre o que pode ser/fazer uma mulher. Para as mulheres, torna-se uma disputa por acesso a espaços, legitimidade, e recursos materiais e simbólicos, que encena de forma muito sensível a luta maior para ter controle sobre o próprio corpo, e sobre a vida. É um conflito que envolve uma série de atores sociais: homens e mulheres como indivíduos e como membros de famílias, o Estado (que já fez um grande investimento na definição de “deveres”, “direitos” e “funções sociais” para cada sexo)<sup>4</sup>, profissionais da saúde e da educação, a imprensa e as novas instituições esportivas, entre outros.

O avanço das mulheres no mundo do esporte, desde o espaço muito limitado que tinham na época em que a noção de fragilidade feminina imperava, até a conquista paulatina de atuação esportiva diversificada tanto a nível do esporte amador quanto profissional, é um fenômeno amplamente reconhecido hoje em dia. Mas, como comentei acima – continua sendo um terreno muito sensível e que potencialmente pode nos dizer muito sobre o *status* atual das mudanças sociais e culturais no âmbito das relações de gênero. Quais as consequências maiores da atuação esportiva das mulheres numa cultura que supostamente abandonou o ideal da “fragilidade feminina” e embarcou na construção normativa de uma “cultura *fitness*”? Quais as representações hegemônicas das atletas nos discursos da nossa cultura, nos quais os

---

<sup>4</sup> No Brasil, o Estado não hesitou em promover legislação proibindo a participação das mulheres em determinadas atividades esportivas. ( Ver Goellner, op. cit.)

poderosos discursos midiáticos atuam com uma força particular? A antiga preocupação com a “masculinização” das mulheres que se dedicam ao esporte continua pautando comportamentos e julgamentos? E –talvez a questão mais interessante ainda – como é que as próprias atletas vivem e interpretam suas experiências no mundo do esporte, e o que podemos dizer sobre as formas em que a prática de esporte, a nível profissional e/ou amador, estruturam a subjetividade e a identidade das mulheres que se envolvem nela? Estas perguntas – algumas das perguntas que orientam o que hoje é um vasto campo de pesquisa no Brasil e no mundo – também me conduziram numa pesquisa comparativa realizada em Curitiba, vários anos atrás, com dois grupos de atletas mulheres com características bastante diferentes. Um grupo, a das jogadoras da seleção nacional de vôlei, caracterizava-se pela inserção no “grande mundo” esportivo nacional, ou seja, estas atletas pertencem a um time e um esporte integrados aquilo que o sociólogo inglês Joseph Maguire chamou de “*global sport media complex*”. Participes deste contexto midiático e espetacularizado – sustentado por poderosas organizações esportivas locais e globais - elas adquirem acesso à ascensão social, ao prestígio e às vantagens materiais de uma vida profissional no esporte<sup>5</sup>. Mas também – como a mesma pesquisa punha em evidência – este campo esportivo também usufrui de convenções patriarcais do disciplinamento e espetacularização do corpo feminino, talvez mais do que fomentar um espaço de desafio às definições normativas da feminilidade.<sup>6</sup>

O outro grupo, o das amazonas do hipismo clássico, trata-se evidentemente de um grupo de atletas que praticam um esporte de elite que tem vínculos mais tênues com o grande mundo midiático esportivo. Mais longe dos holofotes da mídia, os praticantes do hipismo clássico se movimentam num universo esportivo que, como enfatizaria o grande sociólogo francês Pierre Bourdieu, encena processos da *distinção*. Contudo, desde *uma perspectiva de gênero*, permite também testar algumas idéias sobre práticas esportivas e corporais como espaços de transgressão.

Se inicialmente meu interesse em pesquisar as amazonas foi instigado por uma série de artigos que apareceram na seção esportiva da *Folha de São Paulo* em 1995,

---

<sup>5</sup> Como sabemos o esporte é via de ascensão social para homens de camadas populares, e pode sê-lo também para algumas mulheres – ainda com menor status de celebridade e menores salários!

<sup>6</sup> Para mais sobre a pesquisa, ver Adelman (2003).

sugerindo que o hipismo promove a “igualdade entre os sexos” ( ver Adelman, 2003; 2004), uma revisão da história das mulheres nos esportes eqüestres me introduziu num fascinante universo de transgressões femininas: as mulheres que desde final do século XIX, participavam – particularmente nos EUA e na Europa - do circo, do rodeio, e de alguns outros contextos nos quais, como o mesmo nome de “amazona” sugere, elas exercitavam sua competência em atividades cujos riscos e desafios supostamente descaracterizariam um sujeito feminino. Temos acesso a documentação histórica que preserva as estórias das quase legendárias “mulheres que ousavam” – figuras então excepcionais<sup>7</sup>, como a artista alemã que atuava no famoso circo norteamericano Barnum & Bailey, Katie Sandwina (Davis, 2002; 82-83) e Lucille Mulhall – que ganhou reconhecimento na imprensa da época como “*America’s first cowgirl*”. Esta, nascida em 1885, em 1900 já se apresentava em NY como integrante experiente do rodeio que mostrava, para os habitantes das grandes cidades, atividades espetacularizadas para “reproduzir” um pouco do “espírito da fronteira” do oeste para pessoas que tanto geograficamente quanto nos costumes do cotidiano estavam muito distantes da mesma.<sup>8</sup>

Ao longo do século XX, o rodeio nos EUA foi se profissionalizando, nos moldes do esporte contemporâneo, criando nesse processo um circuito alternativo para mulheres. A organização deste circuito permitiu que muitas mulheres pudessem viver dessa atividade, mas ao mesmo tempo acabou reforçando a noção delas não serem as competidoras legítimas dos homens. Noutras modalidades dos esportes eqüestres, algumas mulheres pioneiras também se destacaram por suas lutas pela participação e a visibilidade. Neste sentido, o hipismo clássico tem algumas particularidades, pois a pesar da histórica participação das mulheres européias nas tradições eqüestres – inclusive, na Inglaterra, na caça da raposa, onde saltavam os mesmos obstáculos do que seus companheiros, a pesar da grande desvantagem de

---

<sup>7</sup> “As forçadas” como as chama Silvana Goellner: “...as mulheres que faziam exhibições de força física em casas de espetáculo, circos e *music halls* nos Estados Unidos e na Europa. Mulheres que tiveram certa projeção e eram reconhecidas pela atuação que faziam nesse sentido, cujo esforço físico desmistificava várias das representações que se tinha ao respeito do corpo feminino nesse momento. Como, por exemplo, da fragilidade, do recato e do medo de que elas pudessem ficar com o físico dos homens se fizessem muito esforço, em especial em esportes considerados violentos. Essas mulheres, que chamo de ‘forçadas’, em sua grande maioria casaram-se e foram mães, contrariando muito do que se falava delas”. (Goellner, 2004: 364)

<sup>8</sup> Evidentemente, contribuindo fortemente para a produção de mitos e ideologias sobre a nação norteamericana

serem obrigadas a montar com as duas pernas para o mesmo lado da sela! – é só em nos anos da pós-guerra que uma amazona inglesa, Pat Smythe, estreia como primeira mulher a participar das provas de salto na história das Olimpíadas. Noutra modalidade, o turfe, é só recentemente que emergiram algumas jóqueis que competem nesse esporte tradicional que exige, particularmente, de cavaleiro (ou amazona) de pouca altura e baixo peso. Na sua fascinante autobiografia, a mundialmente famosa jóquei norte-americana, Julie Krone, relata a história de sua batalha, nos anos 80, para poder se inserir profissionalmente nesse campo, tendo que enfrentar a resistência aberta – e muitas vezes, violenta – dos seus colegas homens. Ela comenta: “Eu era a primeira mulher jóquei que realmente ameaçou a posição dos jóqueis homens, e alguns deles simplesmente não queriam ser vencidos por uma ‘meninha’. Eu estava lutando para achar um lugar em um esporte que tinha pouca abertura para as mulheres.” (citada em Adelman, 2004: 290-291)

Contudo, os esportes eqüestres podem hoje ser citados como um espaço de ampla participação feminina, tanto no Brasil quanto no mundo inteiro. Noutro lugar (Adelman, 2004) discuti uma questão que me pareceu culturalmente muito instigante, a recorrente associação simbólica entre o cavalo, a prática de cavalgar e a liberdade feminina, tanto na literatura e nas tradições populares (desde um senso comum que aparece, muitas vezes, expresso na linguagem do imaginário masculino, até na literatura das ciências sociais e o romance)<sup>9</sup> quanto nos depoimentos das amazonas que entrevistei. Na minha pesquisa comparativa entre mulheres praticantes de hipismo clássico e jogadoras da seleção brasileira de vôlei, diferenças no tipo de narrativa construída sobre a iniciação esportiva me parecerem significativas. As amazonas, nas suas falas, identificavam a origem da sua participação esportiva, numa “paixão” muito forte, que elas assumiam, em vários casos, a pesar da oposição familiar, pelo animal e pelo esporte em si. Uma amazona que entrevistei se expressou da seguinte forma: “Eu sempre amei os cavalos, e adorava montar na fazenda

---

<sup>9</sup> Notei, por exemplo, a importante presença do cavalo no gênero da literatura infanto-juvenil dos EUA que pode ser designado pelo nome, *tomboy literature*, que se remete a uma construção cultural norte-americana desde o século XIX, de uma literatura protagonizada por “meninas que sempre quiseram ser meninos, meninas que gostariam de não ser aquilo que se entendia por ‘meninas’, até meninas que desprezavam todas essas distinções (entre meninos e meninas) e queriam, simplesmente, ser livres e sem gênero”. [McEwen, 1997:XI]

da minha família... Mas não sabia, de fato, montar... Então quando vi isso aqui [prova de salto na Sociedade Hípica Paranaense], fiquei maluca. Meu Deus do Céu, que maravilha! Falei para meus pais que estava a fim de entrar na Hípica para aprender a montar e eles disseram que não, que é muito perigoso, para menina não! ” Isto contrastava com os relatos da maior parte das jogadoras, que embora atualmente muito dedicadas a seu esporte – e com certeza, tendo construído fortes identidades como atletas da sua modalidade, que vinculavam as vezes com projetos profissionais mais amplos, ou em alguns casos, projetos sociais – tinham em quase todos os casos histórias mais ambíguas sobre a origem da carreira esportiva. Várias delas citavam a insistência da família ou de professores da escola, que tentasse praticar o vôlei, tendo sido identificadas pelo tipo físico – meninas muito altas, que destoavam então do padrão corporal feminino, mas que poderiam compensá-lo com a atividade esportiva. Uma jogadora relatou sua experiência assim: “Eu, quando comecei, tinha 12 anos. Era só no colégio que eu treinava. Comecei a treinar porque tinha problemas de coluna e o médico indicou para eu fazer um esporte, natação ou vôlei. Então entrei na Escolinha por causa disso, não por paixão. Depois eu fui gostando... Se ninguém falasse ‘vai treinar’, ‘vai treinar’[eu não teria ido]... porque eu era alta aí ficavam o técnico do basquete e do vôlei me disputando... ‘Eu não quero nada’ eu falava . Eu comecei fazer por acaso. Não foi por livre e espontânea vontade. Foi o médico que falou”.

**Outro ponto no qual emergiu um contraste grande entre as representações da prática esportivas das amazonas e as jogadoras diz respeito a sua relação com as concepções hegemônicas de feminilidade que, herdadas de outras épocas, abandonem hoje a noção de “fragilidade feminina” sem deixar de produzir e reproduzir normas vinculadas à construção de um sujeito feminino dependente do olhar do outro para sua (auto) valorização.<sup>10</sup> As jogadoras não se mostravam livres de ansiedades pelo tipo de julgamento que a que as atletas continuam expostas, na sociedade atual, de serem “pouco femininas”. Disse uma, “eu acho que a gente é muito feminina. Às vezes, as pessoas acham atleta machão. A gente procura ser bem feminina, para ninguém ‘encher o saco.’ Por ser atleta, ter um corpo definido, todo mundo já [acha]... então procuramos aflorar mais o feminino.” Outra ainda afirma a**

---

<sup>10</sup> Neste sentido, os trabalhos de Susan Bordo (1997) e Joan Brumberg (1997) apresentam evidências e problematizações teóricas importantes.

importância do cuidado do corpo, da construção de um “corpo bonito” e *muito feminino* como elemento central da identidade: “Se eu não jogasse vôlei, eu iria cuidar do meu corpo com certeza, malhar todo o dia. Acho bonito. Mas não gosto de uma coisa muito masculina; quem tem tendência a ganhar músculo muito fácil, acho que fica meio masculino. Quando você coloca uma blusa de mangueira é capaz de estourar a blusa.”

Inclusive, para a maior parte das jogadoras entrevistadas, era muito importante situar seu esporte particular como pertencendo à categoria dos esportes condizentes à construção ou manutenção da feminilidade. Outros esportes – em particular, o futebol ou o handebol – eram significados como “diferentes” do seu, e identificados como esportes que “masculinizam” as mulheres que os praticam.

Não há lugar aqui para muita cogitação sobre as diferenças entre os dois campos esportivos, e considero importante não deixar de lado a questão da imbricação de questões de classe, raça e gênero – sendo que as amazonas entrevistadas eram todas brancas e de famílias de classe média ou das elites, e a maior parte das jogadoras, de origens sociais mais humildes, algumas delas negras. Isto coloca, por exemplo, a questão da maior liberdade nas “escolhas” no caso das amazonas, pelo menos no sentido de acesso a maiores opções e recursos culturais e materiais para a construção do projeto de vida, e a importante questão de ver o voleibol em termos das possibilidades que oferece para a ascensão social, como já mencionei. No entanto, me parece muito significativo que as amazonas adotam, em todos os casos, um discurso que questionava muito mais, e muito explicitamente, as expectativas generificadas da sociedade brasileira atual. Elas reclamavam de atitudes familiares que dificultavam o avanço das meninas talentosas no mundo da competição (“Se os pais vêem a menina cair ou se machucar, o pai começa a cortar. Se o menino tiver uma cicatriz na cara é uma coisa; agora a menina não, né?”) ou que dificultavam o avanço das profissionais, que como uma grande parte das mulheres profissionais de qualquer área, têm que lidar também com responsabilidades domésticas, o que tende a gerar conflitos, principalmente por causa da necessidade de viajar para competir. Mostravam-se muito orgulhosas de desafiar estereótipos sociais como o da maior coragem dos homens perante os desafios de um esporte que têm evidentes perigos; também



**questionavam a noção das mulheres serem mais “doces” no trato da montaria, ou menos competitivas dentro e fora das pistas.**

Parece, então, que para as amazonas, a participação no esporte e no mundo equestre constitui a base de uma identidade na qual o desafio às convenções sociais da feminilidade faz parte. Portanto, exemplifica o que muitas pesquisadoras da área de gênero e esporte vêm procurando – as formas em que participação esportiva das mulheres podem fomentar o *empoderamento* individual e coletiva, e ajudar a desconstruir poderosas normas sociais baseadas nas dicotomias e hierarquias de gênero. No caso das jogadoras, algumas também contam histórias de enfrentar obstáculos, preconceitos e dificuldades – neste sentido, foi muito interessante a história de uma ex-jogadora da seleção, hoje com mais de quarenta anos, que atua hoje na área de treinamento esportivo . Mas mostram-se muito susceptíveis aos códigos de disciplinamento e normatização que se reproduzem no atual mundo do esporte espetacularizado.<sup>11</sup> Neste, opera ainda de maneira forte, a ditadura de um padrão estético e comportamental que é reforçado também em muitos outros espaços do cotidiano e disseminado pela mídia, reproduzindo um discurso particular sobre “o que é uma mulher”: um corpo com determinadas proporções e dimensões, desejável e invejável nos termos definidos por um olhar masculino e heterossexista. Este discurso se mantém hegemônico, agindo sobre as meninas e as mulheres, moldando identidades e subjetividades aos seus desígnios. Pode ser, como disse Maria Rita Kehl (1998) , falando sobre outro momento, que muitas mulheres “gozaram da feminilidade” construída historicamente pelos homens, e de fato não há muito lugar para dúvidas respeito ao grande investimento de muitas mulheres atuais nos discursos hegemônicos, que empurra o “projeto do corpo” esteticamente padronizado para o mais elevado lugar na lista de prioridades, o tornando a base para a construção de identidades e subjetividades . A pesquisa que expus aqui mostra que o esporte *pode ser* – é, muitas vezes - mais um espaço para a “construção de corpos femininos sexuais e corpos masculinos poderosos” (Lorber, 1994) Mas pode também viabilizar outras formas das mulheres sentirem, agirem e se representarem. É por isso que me parece tão interessante a fala de uma das amazonas – competidora e instrutora - que entrevistei sobre suas alunas : “Talvez esta seja a melhor

---

<sup>11</sup> Discussões de teoria e pesquisa encontram-se em livros recentes como os de Birrell e McDonald (2000) e de Festle (1996).

parte do que fazemos aqui: as crianças se acostumam com a natureza, com sujar suas mãos e roupas, com cuidar de seus cavalos. Melhor do que se tornar ‘princesas de *shopping*’, o que acontece muito aqui em Curitiba. E você realmente vê que elas são diferentes, essas meninas que vêm aqui para montar. A parte mais importante do seu dia elas passam aqui, então as idas ao *shopping* significam menos para elas. Elas crescem ao menos um pouco mais naturalmente.”

Uma parte do meu argumento que talvez ainda precise ser explicitada diz respeito à centralidade da corporalidade na construção de identidades e subjetividades, pois de maneira alguma gostaria que me interpretassem como se atribuísse um “valor negativo” às preocupações relativas ao corpo. Muito pelo contrário, trabalho de acordo com perspectivas das ciências sociais contemporâneas que tentam desconstruir a antiga distinção ocidental entre “corpo” e “mente”. Assim, quero reafirmar que a dimensão corporal da experiência está necessariamente imbricada em todos os (outros) aspectos da subjetividade, e ressaltar a importância de construir corporalidades diferentes – mais afastados do poder disciplinar que age de acordo a uma ordem de gênero hierárquica e sua “matriz heterossexual”, e de acordo a critérios de mercantilização de corpos masculinos e femininos. Espero que minha pesquisa, e minha fala de hoje, possam ajudar a refletir mais sobre todas estas questões. Ser, fazer, “aparecer” ... como, para que, para quem?

## **Referências**

**ADELMAN, Miriam. (2003) “Mulheres Atletas: Re-significações da Corporalidade Feminina?” *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC. Vol. 11, no. 2, pp. 445-265.**

**ADELMAN, Miriam. (2004) “O desafio das amazonas: a construção da identidade de mulheres como atletas e amazonas do hipismo clássico (salto) brasileiro”. Em: Simões, A.C., e Knijik, Jorge D., *O Mundo Psicossocial da Mulher no Esporte: Comportamento, Gênero, Desempenho*. São Paulo: Editora Aleph. (pp.277-304)**

**BIRRELL, Susan , e MC DONALD, Mary. (2000) *Reading Sport: Critical Essays on Power and Representation*. Boston: Northeastern University Press.**

**BORDO, Susan. (1994) “Feminism, Postmodernism and Gender Skepticism”, em: HERMANN, A.C. e STARK, Abigail J., *Theorizing Feminism: Parallel Trends in the Humanities and Social Sciences*. Boulder: Westview Press. (1994)**

**BORDO, Susan. (1997) *Twilight Zones: the Hidden Life of Cultural Images from Plato to O.J.* Berkeley: University of California Press.**

**BRUMBERG, Joan Jacobs. (1997) *The Body Project: an Intimate History of American Girls.* New York: Random House.**

**BUTLER, Judith. (1990) *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity.* New York/London: Routledge.**

**DAVIS, Janet M., (2002) *The Circus Age: Culture & Society under the American Big Top.* Chapel Hill/London: University of North Carolina Press.**

**FESTLE, Mary Jo. (1996) *Playing Nice: Politics and Apologies in Women's Sports.* New York: Columbia University Press.**

**GOELLNER, Silvana. (2004) "Mulher e Esporte no Brasil: Fragmento de uma História Generificada". Em: Simões e Knijik pp. 359-374.**

**KEHL, Maria Rita. (1998) *Deslocamentos do Feminino: a Mulher Freudiana na Passagem para a Modernidade.* Rio de Janeiro: Imago.**

**LE COMPTE, Mary Lou. (1993) *Cowgirls of the Rodeo: Pioneer Professional Athletes.* Urbana/Chicago: Illinois University Press.**

**LORBER, Judith. (1994) *Paradoxes of Gender.* New Haven: Yale University Press.**

**MAGUIRE, Joseph. (1999) *Global Sport: Identities, Societies, Civilization.* Cambridge: Polity Press.**

**MC EWEN, Christian. (1997) *Jo's Girls: Tomboy Tales of High Adventure, True Grit and Real Life.* Boston: Beacon Press.**

**Oliveira, Pedro Paulo (2004) *A Construção Social da Masculinidade.* Belo Horizonte: Editora UFMG.**